

## **Lições internacionais das moedas digitais dos BCs**

Por Luiz Fernando de Paula e Marcos Tigre

*Se bem implementado, o Drex poderá posicionar o Brasil na vanguarda das inovações tecnológicas e operacionais relacionadas às CBDCs*

21/03/2025 05h02 Atualizado há 10 horas



O desenvolvimento das moedas digitais de bancos centrais, conhecidas pela sigla em inglês "Central Bank Digital Currencies" (CBDCs), está em pleno andamento, com países como Bahamas, Nigéria, Jamaica e China liderando esse processo. As CBDCs surgem como uma resposta à crescente digitalização da economia global e seus possíveis impactos sobre negócios e vida dos cidadãos.

Os principais objetivos das CBDCs são promover a inclusão financeira, modernizar sistemas de pagamento, acompanhar a transição digital e facilitar transações internacionais.

No entanto, as experiências pioneiras revelam que até então estes projetos não têm atingido o potencial esperado e que suas implementações enfrentam obstáculos que vão desde a resistência dos usuários até a falta de incentivos adequados por parte das autoridades.

O Sand Dollar, lançado em outubro de 2020, foi a primeira CBDC do mundo a ser oficialmente lançada. Desenvolvido pelo Banco Central das Bahamas, o Sand Dollar foi projetado para aumentar a eficiência dos pagamentos, promover a inclusão financeira e reduzir a dependência do dinheiro físico. Uma de suas características mais inovadoras é a capacidade de operar offline, o que é crucial em um arquipélago vulnerável a desastres naturais e com áreas remotas de infraestrutura limitada.

A circulação do Sand Dollar aumentou de US\$ 75 mil em 2020 para US\$ 2,38 milhões em julho de 2024, representando 0,4% do dinheiro em circulação.

Apesar de 100 mil contas do Sand Dollar (25% da população) terem sido criadas, o volume de transações segue baixo, com uma média mensal de apenas US\$ 85 mil em 2022. Os principais desafios incluem a falta de incentivos para adoção, a concorrência com métodos de pagamento tradicionais e a baixa relevância da inclusão financeira no país.

A eNaira, moeda digital da Nigéria foi lançada em outubro de 2021, sendo a primeira CBDC do continente africano. Dentre seus objetivos há a ampliação da inclusão financeira no país, onde apenas 45% da população tem conta bancária. A moeda digital permite transações sem taxas e funciona até em telefones comuns sem internet (não smartphones), fator relevante em um país onde 73% possuem algum tipo de telefone celular, mas apenas 25% têm acesso à internet.

Em março de 2024, havia cerca 13,98 bilhões de e Nairas em circulação o que representa 0,36% do dinheiro em circulação no país. Além disso, das carteiras criadas 98,5% não tem uso regular.

A baixa adoção se deve a fatores como baixa confiança na eNaira, baixa educação financeira, infraestrutura precária e preferência pelo dinheiro físico.

Além disso, a inflação acelerada (34,8% ao ano em dezembro de 2024) e a desvalorização da moeda local desestimulam o uso de uma CBDC sem rendimento.

Lançado em julho de 2022, o Banco Central da Jamaica investiu em incentivos financeiros para atrair usuários a utilizarem o Jam-Dex, resultando em 260 mil carteiras criadas até janeiro de 2024 (9% da população). No entanto, as transações seguem baixas, com apenas 257 milhões de dólares jamaicanos (equivalente a R\$ 10 milhões) em circulação em fevereiro de 2024. Os desafios incluem a ainda forte dependência do dinheiro físico (80% das transações no país), baixa adesão dos comerciantes e o desinteresse dos bancos em ofertar a CBDC, com apenas um banco oferecendo, o National Commercial Bank.

A China iniciou, em 2019, o projeto-piloto de sua CBDC, o e-CNY. Atualmente, a moeda digital está disponível em 29 cidades e soma cerca de 180 milhões de carteiras digitais, com um volume acumulado de transações de aproximadamente 7,3 trilhões de yuans até julho de 2024. Um dos principais objetivos do e-CNY é reduzir a dependência de plataformas privadas que dominam o mercado de pagamentos digitais no país.

Apesar de seu crescimento expressivo, a moeda digital na China enfrenta forte concorrência de gigantes como Tencent e Alibaba, que operam, respectivamente, o WeChat Pay e o Alipay.

Essas empresas oferecem superaplicativos que integram diversos serviços, incluindo redes sociais, bancos, compras digitais e pagamentos, criando um ecossistema altamente atrativo para os usuários. Até o momento, o e-CNY não apresenta vantagens significativas em relação a esses sistemas privados, o que não gera incentivos para a sua adoção em larga escala.

A experiência internacional mostra que a criação de uma CBDC, por si só, pode não impactar significativamente a inclusão financeira. No entanto, sua adoção, mesmo em escala limitada, pode reduzir custos e aumentar a eficiência dos pagamentos empresariais.

Isso ocorre ao incentivar novos modelos de negócios e incorporar inovações como contratos inteligentes, que ampliam a eficiência e possibilitam novas soluções financeiras.

Assim, as CBDCs podem catalisar a inovação no sistema de pagamentos, indo além da simples digitalização do dinheiro.

O BCB está atualmente conduzindo a fase piloto do Real Digital (Drex). A experiência internacional com moedas digitais evidencia desafios como a baixa adesão popular, destacando a necessidade de um planejamento estratégico

cuidadoso para o sucesso de sua implementação.

Entre os principais objetivos do Drex estão o aumento da eficiência do sistema de pagamentos de varejo, o aprofundamento da inclusão financeira, o estímulo a novos modelos de negócio e a ampliação da eficiência nas transações transfronteiriças.

De partida, a experiência bem-sucedida do Pix, meio de pagamento instantâneo altamente difundido no Brasil, reduzindo o possível impacto do Drex sobre a inclusão financeira. O impacto do Drex sobre a economia brasileira pode ser mais voltado para o setor empresarial do que para a maior parte da população.

A utilização de contratos inteligentes e a automação de processos financeiros podem impulsionar a eficiência e a segurança das transações. Se bem implementado, o Drex poderá posicionar o Brasil na vanguarda das inovações tecnológicas e operacionais relacionadas às CBDCs.

Por fim, possivelmente o maior potencial do Drex e das CBDCs está na modernização das transações monetárias internacionais, reduzindo custos e a dependência de intermediários privados na operacionalização dos pagamentos entre países.

No entanto, para que esse potencial se concretize, será necessária uma cooperação global eficaz, com padronização e superação de barreiras regulatórias entre diferentes jurisdições.

***Luiz Fernando de Paula é professor do Instituto de Economia da UFRJ e Pesquisador associado ao Observatório do Sistema Financeiro (OSF/IE-UFRJ).***

***Marcos Constant Bastos Tigre é mestre em Economia pelo IE/UFRJ.***

---